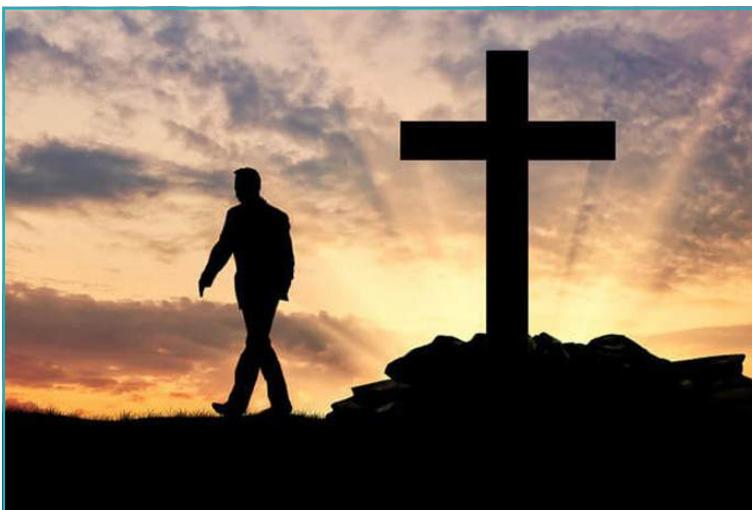


Não posso acreditar em milagres, portanto, não posso acreditar na ciência

Tiago Ferreira



Resumo

Este artigo argumenta que a confiança no testemunho é uma base epistêmica comum tanto ao cristianismo quanto às ciências e que tem um status epistêmico confiável. Para tanto, traça a origem do contorno atual até o debate na obra de David Hume “uma investigação sobre o entendimento humano”, em seguida, apresenta a Epistemologia do Testemunho em seus contornos atuais e, em conclusão, apresenta argumentos para considerar que a ciência e o cristianismo são amplamente baseados no testemunho como fonte epistêmica confiável. Em conclusão, este artigo argumenta que, considerando a rede de testemunhos como uma fonte primária de crença em milagres e ciência, chegamos à afirmação constraintuitiva de que, se não somos epistemicamente justificados para acreditar em milagres, também não estamos justificados para acreditar na ciência.

Introdução

Os milagres habitam o cerne do cristianismo. Sem a Encarnação e a Ressurreição, a crença cristã seria esvaziada de significado e atualidade (I Co 15.17-19). Não

obstante, embora a relação entre ciência e cristianismo não seja necessariamente conflituosa,¹ há uma longa história de críticas ao status epistêmico da crença em milagres a partir de perspectivas científicas.

O impacto da crítica científica na crença em milagres é tal que Newbigin² afirmou que algumas interpretações bíblicas pós-iluminismo exigiam a eliminação do milagre como questões factuais. Tais interpretações afirmavam que, embora a crucificação de Jesus pudesse ser aceita como um fato da história real, sua ressurreição foi uma experiência psicológica dos discípulos. No entanto, se a perspectiva pós-iluminista consolidou a crítica à crença em milagres na esfera teológica, as bases filosóficas dessa crítica ainda precisavam ser debatidas.

De modo geral, o campo da educação científica tem sido prolífico para discussões sobre a relação entre ciência e religião, bem como seus impactos na educação científica em um mundo multicultural.³ Tais debates refinaram a discussão, geralmente evitando uma crítica à religião como uma área de conhecimento *per se*, mas demonstrando que as bases epistêmicas das ciências são fundamentalmente diferentes daquelas que fundamentam as crenças religiosas.⁴ Em relação a essas bases epistêmicas, os argumentos costumam defender que as ciências têm uma base empírica, enquanto a religião se baseia em outras fontes epistêmicas, principalmente relacionadas ao testemunho contido na tradição.⁵

No entanto, embora os argumentos multiculturais tipicamente suavizem as críticas à crença religiosa, a prioridade epistêmica dada às ciências como o sistema de conhecimento mais universalmente confiável ainda é claramente identificada na literatura acadêmica, principalmente devido à suposta tentativa exclusiva da ciência de justificar o conhecimento⁶. Isso é claramente perceptível em textos que visam desenvolver a competência do professor de ciências para lidar com alunos religiosos respeitando sua prática cultural e fortalecendo a crença de que a ciência tem uma base empírica distinta e con-

¹McGrath, *Science & religion*, p. 53; Plantinga, *Where the conflict really lies*, p. 13.

²Newbigin, *Foolishness to the Greeks*, p. 73.

³Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 788; Peñaloza, El-Hani, and Mosquera-Suárez, “Between Scientific Ideas and Christian Religious Beliefs”, p. 931.

⁴Smith and Siegel, “Knowing, Believing, and Understanding”, p. 574.

⁵Plantinga, *Warrant and proper function*, p. 77.

⁶Hoffmann, “Learning without Belief-Change?”, p. 692.

fiável.⁷ Às vezes, a literatura defende uma perspectiva conciliacionista para o aluno⁸ enquanto em outros textos há uma defesa explícita de que o principal objetivo do ensino de ciências é mudar a crença do aluno em relação a uma visão de mundo científica.⁹

Apesar da diversidade do debate atual, a premissa central raramente é debatida. Ou seja, a defesa de que as ciências têm uma base epistêmica fundamentalmente diferente daquela que apoia as crenças religiosas em milagres. Este artigo tem como objetivo argumentar que a confiança no testemunho é uma base epistêmica comum tanto à religião quanto às ciências e que tem um status epistêmico confiável. Para tanto, traça a origem do contorno atual do debate na obra de David Hume “uma investigação sobre o entendimento humano”, em seguida, apresenta a Epistemologia do Testemunho em seus contornos atuais e, em conclusão, apresenta argumentos para considerar que a ciência e o cristianismo são amplamente baseados no testemunho como fonte epistêmica confiável.

Manuscrito

Os milagres habitam o cerne do cristianismo. Sem a Encarnação e a Ressurreição, a crença cristã seria esvaziada de significado e atualidade (1Co 15.17-19). Não obstante, embora a relação entre ciência e cristianismo não seja necessariamente conflituosa,¹⁰ há uma longa história de críticas ao status epistêmico da crença em milagres a partir de perspectivas científicas.

O impacto da crítica científica na crença em milagres é tal que Newbigin¹¹ afirmou que algumas interpretações bíblicas pós-iluminismo exigiam a eliminação do milagre como questões factuais. Tais interpretações afirmavam que, embora a crucificação de Jesus pudesse ser aceita como um fato da história real, sua ressurreição foi uma experiência psicológica dos discípulos. No entanto, se a perspectiva pós-iluminista consolidou a crítica à crença em milagres na esfera teológica, as bases filosóficas dessa crítica ainda precisavam ser debatidas.

⁷Smith and Siegel, “Knowing, Believing, and Understanding”, p. 570.

⁸El-Hani and Mortimer, “Multicultural Education, Pragmatism, and the Goals of Science Teaching”, p. 674.

⁹Hoffmann, “Learning without Belief-Change?”, p. 694.

¹⁰McGrath, *Science & Religion*, p. 53; Plantinga, *Where the conflict really lies*, p. 13.

¹¹Newbigin, *Foolishness to the Greeks*, p. 73.

De modo geral, o campo da educação científica tem sido prolífico para discussões sobre a relação entre ciência e religião, bem como seus impactos na educação científica em um mundo multicultural.¹² Tais debates refinaram a discussão, geralmente evitando uma crítica à religião como uma área de conhecimento *per se*, mas demonstrando que as bases epistêmicas das ciências são fundamentalmente diferentes daquelas que fundamentam as crenças religiosas.¹³ Em relação a essas bases epistêmicas, os argumentos costumam defender que as ciências têm uma base empírica, enquanto a religião se baseia em outras fontes epistêmicas, principalmente relacionadas ao testemunho contido na tradição.¹⁴

No entanto, embora os argumentos multiculturais tipicamente suavizem as críticas à crença religiosa, a prioridade epistêmica dada às ciências como o sistema de conhecimento mais universalmente confiável ainda é claramente identificada na literatura acadêmica, principalmente devido à suposta tentativa exclusiva da ciência de justificar o conhecimento.¹⁵ Isso é claramente perceptível em textos que visam desenvolver a competência do professor de ciências para lidar com alunos religiosos respeitando sua prática cultural e fortalecendo a crença de que a ciência tem uma base empírica distinta e confiável.¹⁶ Às vezes, a literatura defende uma perspectiva conciliacionista para o aluno¹⁷ enquanto em outros textos há uma defesa explícita de que o principal objetivo do ensino de ciências é mudar a crença do aluno em relação a uma visão de mundo científica.¹⁸

Apesar da diversidade do debate atual, a premissa central raramente é debatida. Ou seja, a defesa de que as ciências têm uma base epistêmica fundamentalmente diferente daquela que apóia as crenças religiosas em milagres. Este artigo tem como objetivo argumentar que a confiança no testemunho é uma base epistêmica comum tanto à religião quanto às ciências e que tem um status epistêmico

¹²Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 788; Peñaloza, El-Hani, and Mosquera-Suárez, “Between Scientific Ideas and Christian Religious Beliefs”, p. 931.

¹³Smith and Siegel, “Knowing, Believing, and Understanding”, p. 574.

¹⁴Plantinga, *Warrant and Proper Function*, p. 77.

¹⁵Hoffmann, “Learning without Belief-Change?”, p. 692.

¹⁶Smith and Siegel, “Knowing, Believing, and Understanding”, p. 570.

¹⁷El-Hani and Mortimer, “Multicultural Education, Pragmatism, and the Goals of Science Teaching”, p. 674.

¹⁸Hoffmann, “Learning without Belief-Change?”, p. 694.

confiável. Para tanto, traça a origem do contorno atual do debate na obra de David Hume “uma investigação sobre o entendimento humano”, em seguida, apresenta a Epistemologia do Testemunho em seus contornos atuais e, em conclusão, apresenta argumentos para considerar que a ciência e o cristianismo são amplamente baseados no testemunho como fonte epistêmica confiável.

Epistemologia do testemunho e milagres

Dependemos do testemunho para a maior parte do que sabemos. Por exemplo, sei que a Austrália existe e que é um país maior do que a França em termos de área geográfica. Eu sei que nasci em um país diferente da Austrália. Sei que a maior parte do mundo foi, em 2021, afetada por uma pandemia. Cada uma dessas proposições é uma instância de conhecimento cuja fonte básica é o testemunho de outros. Além disso, sem aprender pelo testemunho, a ciência não poderia ser possível.¹⁹

Qualquer estudante de ciências sabe que Darwin formulou parte de sua teoria a partir de observações feitas em viagens. Além disso, os estudantes de biologia aprendem desde cedo sobre os experimentos essenciais que fundamentam o empirismo das ciências da vida, assim como os estudantes de ciências da saúde aprendem sobre os ensaios clínicos randomizados mais atuais no campo. Certamente, alguns desses alunos se tornam pesquisadores que trabalham para o avanço do conhecimento científico. No entanto, os pesquisadores fazem isso sem necessariamente ter que refazer o caminho que seus antecessores fizeram. Eles se apoiam nos “ombros de gigantes” ou, mais precisamente, no que pode ser dito sobre os “gigantes” e seu trabalho. Todo esse volume de conhecimento é obtido pelo depoimento de pares, uma vez que a maioria dos pesquisadores não está presente durante a construção de teorias, nem na realização de experimentos e ensaios clínicos.²⁰

Nesse sentido, a questão central no ramo da epistemologia que investiga o papel do testemunho na formação e justificação de nossas crenças (ou seja, a Epistemologia do Testemunho) não diz respeito à importância do testemunho

¹⁹Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 785; Plantinga, *Warrant and Proper Function*, p. 77.

²⁰Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 784; Coady, *Testimony: A Philosophical Study*, p. 21.

para nosso sistema cognitivo – isso é dado como certo. A discussão central envolve decidir se o testemunho é uma fonte básica ou secundária de conhecimento.²¹ O assunto pode ser esclarecido traçando o contorno atual do debate de volta ao trabalho de Hume, particularmente no capítulo “Dos milagres” em seu seminal “Uma investigação sobre o entendimento humano”.²²

Situado na primeira parte da seção X do livro de Hume, o capítulo constrói um argumento contra a possibilidade epistêmica da existência de milagres. O objetivo da seção é analisar as condições sob as quais a crença em milagres pode ser epistemicamente justificada. Neste sentido, a estratégia de Hume consiste em identificar a principal fonte de convicção sobre milagres e submetê-la a um teste racional.

Considerando as crenças em milagres no contexto do cristianismo, o testemunho, especialmente dos apóstolos, é considerado a principal fonte epistêmica da Escritura e da Tradição. Nesse sentido, a estratégia de Hume envolve submeter o testemunho ao escrutínio porque, se ele se mostrar uma fonte epistêmica confiável, todo o edifício da defesa dos milagres pode ser sustentado. Por outro lado, se o testemunho não pode ser considerado uma fonte epistêmica confiável *per se*, Hume teria um caso contra os milagres.

Apesar da utilidade e necessidade da confiabilidade do testemunho para viver em sociedade, Hume argumenta que tal confiabilidade não é primária. Pelo contrário, seria derivado da conformidade usual dos fatos com os relatos das testemunhas. Neste sentido, a fonte primária de conhecimento seria a experiência e a observação, a partir das quais indutivamente consideramos o testemunho confiável. Em outras palavras:

A razão pela qual damos crédito a testemunhas e historiadores não é derivada de qualquer conexão, que percebemos a priori, entre testemunho e realidade, mas porque estamos acostumados a encontrar uma conformidade entre eles.²³

Considerando que a conformidade entre testemunho e realidade é o que dá credibilidade ao testemunho, é necessário assumir que tal conformidade tem

²¹Lackey and Sosa, *The Epistemology of Testimony*, p. 4.

²²Hume, *An Enquiry Concerning Human Understanding*, p. 79.

²³Ibidem, p. 82.

prioridade epistêmica sobre o testemunho em si. Portanto, se houver um caso em que a conformidade da experiência se opõe ao testemunho, este último deve ser desconsiderado por causa de quem lhe dá autoridade. Armado com tais argumentos, Hume começa sua estratégia para minar a possibilidade lógica de que as crenças em milagres possam ter status epistêmico.

Para ter sucesso nessa empreitada, Hume apresenta uma definição conceitual para milagres:

Um milagre é uma violação das leis da natureza; e como uma experiência firme e inalterável estabeleceu essas leis, a prova contra um milagre, pela própria natureza do fato, é tão completa quanto qualquer argumento da experiência pode ser imaginado.²⁴

Por definição, deve haver uma experiência uniforme contra cada milagre porque, caso contrário, não seria necessário considerar tal fenômeno como milagroso. Ninguém consideraria que cuspir no chão e fazer lama com a saliva seria um milagre, porque é uma experiência comum e uniforme. Mas se a lama fosse usada para restaurar a visão de uma pessoa cega, isso seria considerado um ato milagroso. A razão para isso seria a quebra do que nossa experiência nos diz uniformemente: a lama pode ser feita com saliva, mas não é capaz de curar os cegos.

Então, podemos sistematizar o argumento humeano da seguinte forma:

- (1) A principal fonte de crença em milagres é o testemunho.
- (2) A experiência uniforme tem prioridade epistêmica sobre o testemunho.
- (3) Por definição, milagres ocorrem contra a experiência uniforme.
- (4) A crença em milagres não é epistemicamente confiável.

A natureza do argumento (considerações metodológicas)

A crítica de Hume não é necessariamente um argumento contra a crença em um milagre específico, mas sim uma afirmação da irracionalidade ou falta de justificativa de qualquer crença em milagres. Trata-se, portanto, *de uma objeção de jure* e não de uma *objeção de facto*. As objeções *de jure* mostram que não há estado

²⁴Ibidem, p. 83.

de coisas possível em que uma determinada proposição possa ser verdadeira²⁵ e, portanto, deve ser rejeitada como um tipo e não como uma instância. Hume usa uma *objeção de jure*, uma vez que a própria definição de um milagre torna sua existência em um fenômeno irracional.

Tal é a força do argumento de Hume: não seria necessário demonstrar, por exemplo, que o milagre da ressurreição é falso, porque tal questão não poderia nem mesmo ser formulada epistemicamente. Se perguntássemos especificamente sobre a ressurreição (ou a encarnação, ou qualquer outro milagre), estariam desafiando as objeções *de fato*. No entanto, a crítica epistêmica empirista é tal que desafia a racionalidade de até mesmo perguntar sobre um milagre ou outro.

Embora essa estratégia epistêmica tenha inegável força argumentativa, há um conjunto de críticas à perspectiva humeana. Por exemplo, Plantinga²⁶ constrói um argumento para mostrar que as *objeções de jure* são distintas, mas não independentes, das declarações de fato. O modelo “Tomás de Aquino/Calvino”²⁷, proposto por Plantinga, mostra como as *objeções de jure* só fazem sentido com garantias sobre certas afirmações de fato. Por sua vez, Keener²⁸ acusa a definição de milagres proposta por Hume de circularidade lógica (ou seja, o conceito já traz consigo sua própria impossibilidade) e que só faria sentido para alguém que, *a priori*, já nega eventos sobrenaturais.

No entanto, para nosso argumento atual, não precisaremos do modelo de Aquino/Calvino ou de qualquer outra refutação da distinção entre os tipos de objeções. De fato, nossa tese atual é que, se aceitarmos a crítica humeana sobre a fonte epistêmica dos milagres, precisaremos rejeitar todo o edifício epistêmico das ciências com o mesmo golpe. Isso implica, até certo ponto, que, se a crença em milagres deve ser descartada pelo abandono do testemunho como fonte confiável, precisaríamos abraçar um ceticismo radical que impediria o status epistêmico das ciências ou mesmo de qualquer outro tipo de conhecimento. Neste caso, se eu não posso acreditar em milagres, então eu não posso acreditar na ciência.

A estratégia argumentativa que estamos usando não é nova. Por exemplo, quando acusados de ateísmo por não terem deuses visíveis, os primeiros cristãos

²⁵Plantinga, *Knowledge and Christian belief*, p. 25-6.

²⁶Ibidem, p. 74.

²⁷Ibidem.

²⁸Keener, *Miracles*, p. 309-11.

responderam que, se a acusação fosse verdadeira, muitos dos grandes filósofos e poetas também seriam ateus.²⁹ Além da tradição cristã, outra vantagem dessa estratégia refere-se a um produto indireto: evita a dicotomia entre um mundo de fatos objetivos (ou seja, eventos que poderiam ser cientificamente conhecidos sem qualquer compromisso de fé) e crenças religiosas como “convicções subjetivas”.³⁰

Para a correta construção dessa estratégia argumentativa, é importante destacar o principal embate teórico no âmbito da Epistemologia do Testemunho, a saber, as abordagens do reducionismo epistêmico e do anti-reducionismo.

Reducionismo e anti-reducionismo no testemunho

A consequência direta do argumento humeano é a admissão de que, mesmo na ausência de desafiadores epistêmicos, o ouvinte precisa de outras razões para ser justificado em aceitar o testemunho de um falante.³¹ A Epistemologia do Testemunho descreveu essa perspectiva como “reducionista”.³² Para evitar confusão terminológica com outras áreas da filosofia (filosofia da mente, por exemplo), é importante definir claramente o reducionismo em relação ao testemunho: trata-se da defesa de que a confiabilidade do testemunho deve ser aceita desde que haja razões independentes do testemunho que atribuam credibilidade ao falante em uma determinada ocasião. Ou seja, alguém que assume uma posição reducionista não considera o testemunho como fonte primária de conhecimento.³³

Siegel³⁴ fornece um exemplo que parece apoiar o reducionismo:

Considere, como exemplo, o estudante de álgebra (ou história). Suponhamos que, no primeiro dia de aula, o aluno não tenha nenhuma razão independente para confiar no que seu professor lhe diz sobre o assunto. Mas à medida que a

²⁹Gonzales, *The story of Christianity: the early Church to the Reformation*, vol. 1.

³⁰Newbigin, *Foolishness to the Greeks*, p. 59.

³¹Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 779.

³²Lackey and Sosa, *The epistemology of testimony*, p. 5; Lackey, *Learning from Words*, p. 141.

³³Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 779; Lackey and Sosa, *The Epistemology of testimony*, p. 6.

³⁴Siegel, “Truth, Thinking, Testimony and Trust: Alvin Goldman on Epistemology and Education.”, p. 362.

aula prossegue, todos os dias o aluno vê o professor apresentando material sobre o qual o aluno é ignorante, ouve as explicações do professor, observa o professor responder às perguntas dele (e de outros alunos), vê o professor falar extemporaneamente em assuntos tangenciais que (muitas vezes é aparente) não faziam parte da palestra / plano de aula do professor, etc. Tudo isso fornece ao aluno razões independentes de testemunho (defensáveis) para confiar nas afirmações do professor sobre esse assunto.³⁵

Neste exemplo, o testemunho é uma fonte confiável devido a razões não testemunhais. Por outro lado, uma posição antirreducionista em relação ao testemunho argumenta que o testemunho é uma fonte básica de justificação, em igualdade epistêmica com a percepção sensorial, memória, inferência e similares.³⁶ O anti-reducionismo critica a defesa humeana, de que a conformidade entre testemunho e realidade é o que dá credibilidade ao testemunho. Além disso, essa perspectiva também critica a defesa de que precisamos de razões independentes do testemunho para sermos justificados em acreditar nas palavras de alguém.

Para tanto, a defesa do anti-reducionismo pode usar o próprio argumento de Siegel, analisando a natureza das razões independentes do testemunho para confiar nas alegações do professor. As credenciais acadêmicas são confiáveis por uma intrincada rede de testemunhos da comunidade acadêmica que atestam a formação de professores (por exemplo, graduação e pós-graduação), que compararam suas informações com o que os livros e outros recursos afirmam, que confirmam as referências de outros alunos sobre a qualidade da aula, etc.

Em suma, o argumento de Siegel depende de aceitarmos que as crenças do aluno são justificadas por sua observação individual do comportamento do professor. No entanto, devemos ter em mente que, mesmo no exemplo de Siegel, não podemos reduzir a fonte de confiabilidade à observação de um único indivíduo.³⁷ Para compreender essa noção de conhecimento da comunidade, Coady³⁸ apresentou o conceito de Rede de Testemunho:

³⁵Ibidem, p. 362.

³⁶Lackey and Sosa, *The epistemology of testimony*, p. 4; Lackey, *Learning from Words*, p. 155.

³⁷Ferreira, El-Hani, and da Silva-Filho, “Knowledge, Belief, and Science Education”, p. 780.

³⁸Coady, *Testimony*, p. 428.

Várias pessoas dizem a ele que são membros dos órgãos de especialistas e que os órgãos realmente são especialistas, outras dizem a ele que seus filhos e filhas estão sendo treinados por esses órgãos em uma perícia ou outra, e assim por diante em uma complicada rede de testemunhos.³⁹

A rede de testemunho é uma fonte epistêmica básica para as ciências e todos os outros sistemas de conhecimento. Por exemplo, Kuhn⁴⁰ apresentou como, historicamente, a ciência avança porque seus membros não precisam refazer todos os passos de seus antecessores para avançar em direção a novas descobertas científicas. A quantidade de conhecimento que um cientista aprendeu com o testemunho precisa ser infinitamente maior do que o conhecimento que ele obtém de experimentos realizados em sua carreira individual. Além disso, até mesmo a composição dos experimentos depende do testemunho de quem já realizou outros experimentos. Uma vida solitária é muito pouco para avançar o conhecimento científico, portanto, é necessária uma rede que suporte o sistema cognitivo da ciência.

Sem confiança na rede de testemunhos como fonte primária, a ciência não pode avançar. Não obstante o anti-reducionismo ter um forte argumento a seu favor, é necessário desafiar a tese de Hume de que “a experiência uniforme tem prioridade epistêmica sobre o testemunho”. De fato, ainda podemos afirmar que, mesmo que o testemunho seja uma fonte básica, a experiência perceptiva, ou a indução, pode ter uma prioridade epistêmica quando em desacordo com o testemunho. Nesse caso, os milagres ainda seriam epistemicamente impossíveis.

No entanto, Coady⁴¹ afirma que, assim como uma observação pode levar à falsificabilidade de um relatório testemunhal, o testemunho também pode levar à rejeição de observações. Por exemplo, suponha, em uma variação do caso fictício apresentado por Gettier,⁴² que Smith tenha fortes evidências para a seguinte proposição: “Jones é dono de um Ford”. A evidência de Smith é baseada em: Na memória de Smith, Jones sempre possuiu um carro, e sempre um Ford, e Jones acabou de oferecer uma carona a Smith enquanto dirigia um Ford. No entanto,

³⁹Ibidem, p. 428.

⁴⁰Kuhn, *The structure of scientific revolutions*, p. 82.

⁴¹Coady, *Testimony*, p. 153.

⁴²Gettier, “Is Justified True Belief Knowledge?”, p. 122.

quando Smith está conversando com o dono de uma locadora de veículos, o empresário diz a ele que Jones alugou o Ford que agora dirige em sua locadora e que vendeu seu carro antigo na mesma empresa. Além disso, o proprietário exibe o aluguel, orgulhoso de testemunhar como Jones é um de seus clientes mais fiéis. O testemunho do dono da loja pode levar Smith a rejeitar, em um sentido epistêmico, tanto suas observações quanto sua memória.

Em relação ao campo da pesquisa científica, isso é ainda mais comum. Quantas vezes um cientista realizou um experimento clássico na área, percebeu que os dados eram diferentes dos registrados na literatura e considerou que provavelmente se enganou em alguma parte do desenho experimental? Uma vez que uma ampla rede de testemunhos garante os resultados opostos ao experimento, a atitude de rejeitar, ou suspender, a observação atual como fonte de conhecimento é totalmente legítima para a comunidade científica. A experiência uniforme não tem prioridade epistêmica sobre o testemunho na vida cotidiana ou na atividade científica.

Há mais um problema com a epistemologia reducionista do testemunho: ela não passa no teste da vida real. Feinberg caracteriza este teste da seguinte forma:

Diz que, para uma crença ser verdadeira, ela deve ser vivenciável.⁴³ (...) Por exemplo, alguma crença ou sistema de crenças pode passar no teste teórico, mas mostrar-se falso, porque o defensor desse sistema constantemente contradiz seu sistema ao viver sua vida.⁴⁴

Nas ciências, como na vida cotidiana, a quantidade de trabalho de campo necessária para fundamentar cada uma de nossas crenças baseadas em testemunhos a partir da observação direta é impossível de realizar. Algumas pessoas tentam distinguir as crenças religiosas das crenças científicas, alegando que o que distingue o conhecimento científico é que o que você pode aprender por meio de testemunhos você sempre pode verificar ou verificar por si mesmo⁴⁵. Mas “certamente este é o otimismo iluminista enlouquecido”⁴⁶. Isso não corresponde ao verdadeiro

⁴³Do inglês: “it must be livable”.

⁴⁴Feinberg, “Cumulative Case Apologetics”, p. 108.

⁴⁵Plantinga, *Warrant and proper function*, p. 78.

⁴⁶Ibidem, p. 78.

trabalho da ciência, até porque as condições para reproduzir todos os experimentos básicos envolveriam, no mínimo, deslocar recursos gigantescos para reafirmar o que todos os cientistas já sabem a partir do testemunho.

Ciência e milagres fundamentados no testemunho

O debate entre perspectivas reducionistas e antirreducionistas na epistemologia do testemunho é extenso e composto por bons argumentos para ambas as posições. Embora este artigo tenha levantado argumentos a favor de uma perspectiva anti-reducionista, sua aceitação irrestrita não é necessária para nosso objetivo principal. Para isso, basta deixar claro que, se não estivermos dispostos a aceitar o testemunho como fonte básica de conhecimento, não podemos justificar nossas crenças na ciência.

Considerando a rede de testemunhos como uma fonte primária de crença em milagres e ciência, chegamos à conclusão contraintuitiva de que, se não somos epistemicamente justificados para acreditar em milagres, também não estamos justificados para acreditar na ciência. No entanto, basta observarmos o critério de vivencialidade⁴⁷ de nossos sistemas cognitivos para observar que podemos afirmar racionalmente que temos conhecimento sobre milagres, assim como temos conhecimento sobre fatos científicos.

A partir desses argumentos, não estamos afirmando que a ciência não tem outras fontes epistêmicas confiáveis (por exemplo, dedução, indução, observação), mas que todas elas são pares epistêmicos do testemunho sem necessariamente uma prioridade epistêmica absoluta. No entanto, é possível pensar em uma prioridade epistêmica contextual. Por exemplo, quando a rede de testemunhos é abalada por refutadores epistêmicos (por exemplo, a alegação de que um grupo de pesquisadores está agindo de forma desonesta para produzir dados falsos), tendemos a dar mais valor a outras fontes epistêmicas. Mas o mesmo pode ser dito sobre todas as outras fontes epistêmicas. Por exemplo, quando não confiamos em nossa observação, o testemunho geralmente tem prioridade epistêmica.⁴⁸ Nesse sentido, a prioridade é definida contextualmente.

⁴⁷Do inglês: *livelability*

⁴⁸Por exemplo, alguém que ingeriu álcool pode, responsávelmente, confiar mais no testemunho de alguém sóbrio do que na própria percepção atual.

Para concluir, é importante destacar que defender o caráter epistêmico da ciência é essencial. Ao mesmo tempo, mostrar que há rationalidade na defesa epistêmica da crença em milagres também é essencial ao longo de toda a nossa história humana. A primeira defesa é importante para saber como se comportar em tempos difíceis. Por outro lado, esta última defesa é essencial para saber por que se comportar em todos os momentos.



Tiago Ferreira

Sobre o autor

Psicólogo, mestre e doutor pelo programa de pós-graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências, da UFBA. Mestre pelo programa Master of Divinity na Tyndale University (Canadá). Atualmente é professor, supervisor e psicólogo clínico com ênfase nos modelos clínicos das Ciências Comportamentais Contextuais, possui interesses de pesquisa vinculados à Análise do Comportamento Clínica, Terapias Contextuais (com ênfase na Terapia de Aceitação e Compromisso), Epistemologia, Psicologia e Teologia, bem como em Ensino de Psicoterapia.